

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cíntia Campos Pierotti

**A Interdisciplinaridade nas Instituições Especializadas de Taubaté,
Tremembé e Pindamonhangaba- SP: uma questão também da Educação Física**

CAMPINAS

2003



Cíntia Campos Pierotti

**A Interdisciplinaridade nas Instituições Especializadas de Taubaté,
Tremembé e Pindamonhangaba- SP: uma questão também da Educação Física**

Trabalho apresentado como exigência
parcial para obtenção do título de
especialista, no curso de Pós-Graduação
(*latu sensu*) em Atividade Motora Adaptada
da Universidade Estadual de Campinas
(FEF- Campinas/SP)

Orientador: Prof.º Dr.º José Luiz Rodrigues

Campinas- São Paulo

Abril de 2003

DEDICATÓRIA

À minha família: pais, irmãos e sobrinhos,
que de alguma forma me incentivaram e
acreditaram em minha dedicação,
colaborando e ajudando-me quando
necessário, mostrando-me mais uma vez
que a união ultrapassa dificuldades e
consolida objetivos.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos

ao Prof.º Dr.º José Luiz Rodrigues, orientador e grande profissional que, com sua dedicação, disponibilidade e força de vontade conduziu esse trabalho de forma competente e dinâmica;

aos colegas do curso de especialização que, com seus conselhos e dicas tornaram a visão mais ampla e válida;

aos profissionais envolvidos na pesquisa, que disponibilizaram seu tempo e coleguismo para a efetivação desta;

aos amigos da CIMEEEEF “Madre Cecília” de Taubaté, que com seu profissionalismo e incentivo favoreceram o alcance desse objetivo tão imprescindível:

especialmente a Dante Oliveira Martins, pelo companheirismo, amizade e auxílio nos momentos difíceis e desgastantes.

*“Diante do colar, belo como um sonho, admirei
sobretudo o fio que unia as pedras e se imolava
anônimo para que todos fossem um”*

D. Hélder Câmara

RESUMO

O presente estudo nos apresenta uma investigação quanto aos aspectos interdisciplinares ligados à Educação Física em instituições especializadas que atendem pessoas portadoras de deficiência mental das cidades de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, sob a ótica dos professores de Educação Física das mesmas.

Os dados coletados e analisados nos deram embasamento para refletirmos de que modo os profissionais de Educação Física que atuam na área especial enxergam a interdisciplinaridade em sua conceituação, entendimento e aplicabilidade, notando ou não sua real importância para um efetivo alcance de objetivos em comum dentro de instituições especializadas que dispõem de um quadro profissional amplo, composto por diversas disciplinas.

Apontamos, portanto, quanto os profissionais de Educação Física dessas instituições ainda apresentam uma visão muito limitada sobre os aspectos interdisciplinares e que a mesma só não é mais aplicada, ou até mesmo, aplicada de forma mais correta e coerente, porque os profissionais atuantes dentro desses centros de habilitação e/ou reabilitação não conseguiram ainda notar que o diálogo e a complementação de conhecimentos só sugerem um trabalho mais rico para os próprios portadores de deficiência que se encontram sob seus cuidados.

Enfim, essa pesquisa ressalta o quanto é interessante retomarmos um tema muitas vezes esquecido mostrando-nos assim cada vez mais sentido e orientação para o trabalho junto a essa população.

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	06
<u>INTRODUÇÃO</u>	08
<u>CAPÍTULO 1- "Revisando a Literatura"</u>	
1.1- Evolução conceitual e terminológica da deficiência mental no decorrer da história	10
1.2- Interdisciplinaridade: aspectos históricos e conceituais	22
<u>CAPÍTULO 2- "Buscando a realidade da interdisciplinaridade e a Educação Física"</u>	
2.1- Procedimentos Metodológicos	30
2.2- Roteiro das Entrevistas	33
2.3- Análise e discussão	35
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	43
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	46
<u>ANEXO 1</u>	49
<u>ANEXO 2</u>	65

INTRODUÇÃO

A Interdisciplinaridade é atualmente um tema muito discutido e analisado na área educacional mas nem sempre é tão relevante no âmbito institucional especial, ou seja, dentro de instituições especializadas na educação, habilitação e/ou reabilitação de pessoas portadoras de deficiência mental.

Atuando dentro de uma dessas pude observar a importância da interdisciplinaridade nas diversas intervenções e o quanto esta poderia proporcionar um alcance de metas e objetivos de forma mais efetiva se fosse coerentemente aplicada. Tal assunto, já abordado por outros autores, vem relevar cada vez mais a importância centrada no desenvolvimento global do indivíduo matriculado em tais instituições, onde seu crescimento tanto de ordem física, psíquica, cognitiva ou comportamental, seja assunto a ser considerado por diversas especialidades a fim de atingir diretamente as questões implicantess nos processos de intervenção, levando-se em consideração aspectos envolvidos em sua educação, habilitação e/ou reabilitação.

Já que se observa uma série de benefícios levanta-se algumas questões que levam à reflexão do assunto abordado: 'Por quê o trabalho em equipe não ocorre? Quais as dificuldades para a troca de conhecimentos entre os profissionais? Seria por falta de conhecimento e/ou entendimento ou dificuldades na aplicabilidade em que as ações possíveis não se concretizam? As respostas para tais questões podem levar ao melhor entendimento dessa problemática.

Este estudo tem por finalidade verificar se a atuação interdisciplinar ocorre dentro das instituições especializadas da referida pesquisa e a participação

da Educação Física nesse processo sob a ótica dos profissionais da área, emergindo conseqüentemente maior reflexão sobre o assunto.

Primeiramente, através da revisão de literatura, foram abordados os temas como evolução conceitual da deficiência mental e algumas considerações sobre os aspectos da interdisciplinaridade. Posteriormente fomos a campo para ouvir, em forma de entrevista, os profissionais de Educação Física atuantes nas instituições especializadas. Através destas oportunizou-se uma análise quanto aos aspectos interdisciplinares onde pudemos enxergar o quão carente é a formação do professor que atua hoje dentro de instituições especializadas e o quanto estas, por sua vez, não cumprem o papel de “unirem as forças” para o alcance mais amplo de um único objetivo. Embasados na revisão da literatura e pesquisa de campo, as considerações finais apontam que a interdisciplinaridade ainda está por ocorrer.

Sob esse olhar, acreditamos colaborar com o presente trabalho para um futuro melhor das pessoas portadoras de deficiência mental que são inseridas em instituições especializadas, com a conscientização profissional de qualquer área envolvida, em que todos juntos podem oferecer um caminho mais coerente e efetivo para o desenvolvimento e melhora de qualidade de vida desses indivíduos.

CAPÍTULO 1- “REVISANDO A LITERATURA”

1.1- Evolução conceitual e terminológica da deficiência mental no decorrer da história

No decorrer da história da humanidade nos deparamos com vários conceitos e terminologias à cerca da deficiência, cada qual retratando o quadro de uma época ou um período. Com isso também podemos observar a mentalidade envolvida em uma determinada sociedade, que nos leva a compreender que os problemas que giram em torno da deficiência refletem, em muitos aspectos, a maturidade humana e cultural de uma comunidade (FONSECA, 1995).

Quando nos referimos ao tratamento dado à pessoa portadora de deficiência podemos encontrar os primeiros vestígios na Idade Antiga onde procuravam explicar o comportamento do deficiente ou doente mental como conseqüências de forças sobrenaturais, executando algumas práticas hoje consideradas absurdas como, por exemplo, a trepanação (abertura de orifício no crânio) feita principalmente pelo povo egípcio, com o objetivo de libertar os indivíduos que apresentavam alguma anomalia comportamental de possíveis maus espíritos. Nesse mesmo período outro povo também manifestou sua atitude com as pessoas portadoras de deficiência, os gregos, que cultuavam e valorizavam os aspectos físicos em sua força e beleza, não admitiam imperfeições ou mutilações e, sacrificavam aleijados principalmente em na cidade de Esparta que possuía um povo guerreiro e forte. (AMIRILIAN, 1986). Essa fase é retratada por Kirk & Gallagher (1991) como ‘Era Pré-Cristã’ que foi caracterizada pela negligência e extermínio.

Na Idade Média a esse quadro não se apresentou considerável alteração, pois a deficiência continuou ligada a crenças sobrenaturais. Acreditava-se que pessoas que possuíam algum tipo de deficiência estavam possuídas por demônios ou outros maus espíritos. A marginalização e a segregação eram operados pelos exorcistas e esconjuradores (Fonseca, 1995). Esses comportamentos são bem traduzidos com os exemplos que Amiralian (1986, p. 8) nos mostra em relação ao tratamento dado aos indivíduos portadores de deficiência: “Os psicóticos e epiléticos eram considerados possuídos pelo demônio; alguns estados de transe eram aceitos como possessão divina e os cegos reverenciados como videntes, profetas e adivinhos”. Em suma, nessa época a *“mitologia, espiritismo e a bruxaria dominaram e afetaram a visão da deficiência ...”* (FONSECA, 1995, p. 8).

Porém, no final desta Era surge o assistencialismo cristão que substitui a morte e perseguição pela segregação, proteção e compadecimento. Os indivíduos que apresentavam algum tipo de deficiência passaram a viver separados dos demais e, mesmo com a visão da compaixão, não impediram que continuassem a viver à margem da sociedade, como apontam Kirk & Gallagher (1991) e Amiralian (1986).

Ao analisarmos alguns tratamentos utilizados no período medieval podemos averiguar que, infelizmente, na nossa “tão avançada sociedade”, ainda encontramos vestígios de segregação e discriminação que impedem os indivíduos portadores de deficiência um convívio social digno e regular. Essas atitudes têm por consequência aspectos que *“(...)veiculam a ignorância que, por sua vez, gera atitudes de culpabilização, compaixão, desespero e indignação”* (FONSECA, 1995, p.8). Vemos também que atualmente algumas instituições

assumem o papel assistencialista, cuidando apenas das necessidades físicas e deixando de lado as possibilidades educacionais que proporcionam condições para o desenvolvimento da pessoa portadora de deficiência. Além disso, também encontramos famílias que expressam de uma forma sutil e encoberta a crença no sobrenatural, levando os seus filhos em 'benzedeiras e curandeiros' afim de 'libertá-los' de possíveis maus espíritos. (AMIRILIAN, 1991).

Na mesma linha dos autores entendemos que essas atitudes refletem a necessidade de uma mudança cada vez mais profunda na maneira de pensar e agir da sociedade em que vivemos pois são estas, que determinarão o presente e o futuro de crianças, jovens e adultos portadores de deficiência.

Continuando, Fonseca (1995, p.8) aponta que com a Revolução Francesa começa *"(...) um novo período em que atitudes filosóficas e antropológicas se conjugaram numa perspectiva mais humanista da deficiência."* e assim sendo, as preocupações com os indivíduos portadores de deficiência começam a estimular a busca de respostas científicas para seus problemas e então passam a ser considerados "indivíduos doentes" e não "possessos" como anteriormente tratados.

Se até começo do século XVIII a pessoa portadora de deficiência era tratada com desrespeito, já com a Revolução Industrial, em meados do mesmo século, os *"(...) deficientes foram encaixados como 'peça relativamente útil' na máquina da produção, sendo vistos com um pouco mais de atenção pelos pesquisadores e pela sociedade"* (FERREIRA, 1990 apud FERREIRA, 1997, p. 6), dessa forma davam relativo retorno e "benefício" à sociedade podendo fazer parte, de alguma maneira, do convívio social.

Já sob os aspectos científicos, Pessotti citado em Ferreira (1997), afirma a não existência de estudos sobre deficiência mental antes do século XIX pois até o século XVIII essa deficiência era abordada como um conjunto de aspectos deficitários, ainda não diferenciados.

Os primeiros trabalhos científicos começaram a ser desenvolvidos no século XIX mais voltados para a deficiência mental do que para outras deficiências. Nesse período, segundo Fonseca (1995), destacam-se os trabalhos de Esquirol, Séguin, Itard, Wundt, Ireland, Ducan e Millard, Moul, Lombroso, Down, Galton, Tuke, Rusch, Dix, dentre outros. O autor nos mostra ainda que na época começam a surgir termos descritivos de acordo com cada deficiência estudada onde, as pessoas portadoras de deficiência mental recebiam designações de :

"(...) 'idiota' e 'imbecil' (Esquirol), 'cretinismo' (Ireland), 'demência' (Pinel), ..., que refletem atitudes diferentes das que levaram às designações de 'deficientes' e de 'inadaptados', embora todas elas sejam pouco objetivas e ambíguas, pois encerram julgamentos e critérios sociais de rendimento e de normalidade." (p. 8)

Ferreira (1997) referenciando-se ainda a Pessotti evidencia que, no início do século XIX, predominava nos estudos e conceituações da deficiência, a idéia da hereditariedade tendo por conseqüência a degenerescência da raça humana. Essa afirmação foi feita, apesar de equivocada, nos idos de 1791 com o – Tratado de Bócio – quando este foi referido como moléstia herdada e não como disfunção da glândula tireóide.

Continuando, a autora aponta que a primeira diferenciação entre deficiência mental e doença mental apresentada por Esquirol em 1818 afirmava que: *"o homem louco é privado dos bens de que outrora gozava, é um rico tornado pobre. O idiota sempre esteve no infortúnio e na miséria. O estado do*

homem louco pode variar, o do idiota é sempre o mesmo” lembra ainda que “(...) através de suas carências e seus defeitos, o idiota se distingue do ‘normal’ assim como a imperfeição da perfeição.” (p. 8) e conclui que estes pensamentos, relacionados à falta de inteligência, da noção de irrecuperabilidade e etiologia orgânica atribuída à condição desses indivíduos, influenciaram diretamente as definições posteriores sobre a mesma.

Em 1846 Édouard Sèguin provocou uma revolução na teoria da Deficiência Mental considerando o sistema nervoso como a parte afetada na idiotia, sendo profunda quando as massas nervosas são afetadas por afecção crônica de todo ou em parte, e superficial quando decorrente à afecção parcial que se manifesta nos tecidos. (MENDES, 1995 apud FERREIRA, 1997).

Ainda citados por Ferreira (1997), autores como Regen, Ardore e Hoffman lembram que Sèguin ressaltou ainda os benefícios que um treino sensório-motor poderia proporcionar ao desenvolvimento dos deficientes mentais.

Em 1857 surge a teoria de Morel sobre o assunto das causas da deficiência mental supondo que havia, nesses casos, *“uma degeneração psíquica, moral e intelectual progressiva de geração em geração”* (MENDES apud FERREIRA, 1997, p. 8).

Ao final do século XIX, Pessotti citado por Ferreira (1997), refere que a deficiência mental recebe graus que serviriam de parâmetros para classificações futuras e Fonseca lembrado pela mesma autora, aponta as primeiras possibilidades de educação das pessoas portadoras de deficiência mental através da colaboração de diversos estudiosos.

Logo no início do século XX a visão da deficiência era fundamentalmente orgânica e a noção da irrecuperabilidade era muito evidente,

mantendo um traço de que *“o distúrbio era um problema inerente à criança, com poucas possibilidades de intervenção”*. Porém foram essas concepções que impulsionaram os estudos mais profundos das diferentes categorias de deficiências que, ao longo dos anos, foram modificadas, ampliadas e especializadas” (MARCHESI E MARTIN in COLL, 1995,p 7).

Surge então, em 1905 a primeira escala individual de inteligência desenvolvida por Alfred Binet e Theodore Simon (FERREIRA apud FERREIRA, 1997) acreditando que se houvesse a mensuração da mesma poderia ter mais fundamento para melhorá-la.

Dando continuidade, a autora aponta que em 1908 as escalas introduzem o conceito de idade mental como o mais alto nível que a criança pode atingir no teste em comparação ao padrão estipulado.

Já em 1916 surge o Quociente de inteligência que é a razão entre a idade mental e cronológica, onde a pontuação considerada em torno da média normal é igual a cem (100), se houver correspondência entre a idade mental e a idade cronológica, acima ou abaixo desse valor (RODRIGUES apud FERREIRA, 1997). A partir desses testes pudemos perceber o começo da classificação dos níveis de deficiência e atraso mental (MARCHESI E MARTIN in COLL, 1995).

Nesse período surgem novas concepções sobre a deficiência mental, proporcionando *“uma atenção educacional especial, distinta e separada, surgindo assim as escolas de educação especial”* (MARCHESI E MARTIN in COLL,1995, p. 9) além de duas novas concepções que também viriam a contribuir na ampliação e compreensão da educação da criança deficiente mental. Uma com um foco na problemática biológica, por Binet com a conceituação de idade mental

e outra com um foco na problemática psicológica, por Freud com a utilização da psicanálise como técnica terapêutica (FONSECA, 1995).

Nos anos de 1910 a 1920 os testes padronizados de inteligência foram usados em larga escala nos EUA, porém nessa mesma época, começaram os questionamentos em diversas áreas sobre a validade de tais resultados já que estes não consideravam fatores ambientais e sócio-culturais dos indivíduos, determinando uma fragilidade entre eles. Segundo Ferreira apud Ferreira (1997), apesar de tais falhas esses testes são usados ainda hoje, porém, muitas vezes não detectam o que pretendem, determinando resultados irreais e irreversíveis, não considerando os aspectos relativos às diferenças individuais, culturais e ambientais e não indicando, portanto, a intervenção necessária. Nas décadas de 30 e 40 houve um grande avanço no estudo científico das deficiências devido ao período pós-guerra, através de novos conhecimentos neurológicos e cerebrais. Em 1937 Tregod definiu a deficiência mental

“(...) como um estado de desenvolvimento mental incompleto de tal tipo e grau que torna o indivíduo incapaz de se adaptar ao meio de forma independente sem controle, supervisão ou suporte externo”
(MENDES apud FERREIRA, 1997, p. 10).

Além disso, o mesmo estudioso reconhece na mesma época que, os aspectos educacionais e sociais eram importantes para o desenvolvimento dos indivíduos com deficiência mental.

No período dos anos 40 ao 60, surge o questionamento sobre a origem constitucional e incurabilidade dos distúrbios, porém, continuam vigentes os dados quantitativos proporcionados pelos testes de inteligência (MARCHESE E MARTIM in COLL, 1995). Doll surge, nessa época, com uma nova definição de deficiência mental caracterizando-a como:

" (...) uma maturação mental incompleta que aparece desde o nascimento, ou em uma idade relativamente precoce como consequência de possibilidades inatas limitadas, ou de influências variadas que detêm o crescimento mental normal" (MENDES apud FIGUEIREDO, 1997, p. 10).

Os mesmos autores ainda retratam que, na década de 50, a deficiência mental começou a ser estudada sob os aspectos sócio-educacionais e como confirma Marchesi & Martin no livro organizado por COLL (1995, p. 9):

" (...) surge uma concepção de que a deficiência pode ser motivada por falta de estímulos adequados ou processos de aprendizagem incorretos, reforçando conceitos de adaptação social e aprendizagem nas definições sobre o atraso intelectual além da confirmação das possibilidades de intervenção."

Continuando, esses autores apontam que a distinção entre causas "endógenas" e "exógenas" que surgiram na mesma época, para explicar atrasos detectados foi, sem dúvida, um passo além na revisão da afirmação da irrecuperabilidade para todo o tipo de deficiência. Nesse período as escolas especializadas e salas especiais continuaram a se expandir, principalmente nos países mais desenvolvidos.

Mendes citado por Ferreira (1997), aponta que estudos de Rosenthal e Jacobson quanto à definição de deficiência mental na década de 60, caracterizaram-se como estigmatizantes e proporcionaram resultados educacionais indesejáveis.

Porém entre o final da década de 60 e década de 70 houve mudanças significativas do conceito de deficiência mental na área educacional ocorrendo uma profunda modificação baseada em tendências fundamentadas na possibilidade de desenvolvimento do deficiente mental através da educação, nos métodos de avaliação mais apropriados e aprofundados para essa clientela a fim de desenvolver programas educacionais específicos, na revisão da função da escola em acolher e ensinar todos que nela procuram o conhecimento e desenvolvimento independente de diferenças particulares, etc. Todos esses fatores foram expressão do processo transformador da realidade do deficiente mental e em termos conceituais houve o surgimento de denominações como necessidades educacionais especiais que, sob o ponto vista educacional, acarretou em aspectos 'práticos' que promoveram integração da educação que levou à mudanças notáveis na conceituação do currículo, formação de professores, métodos de ensino e nas responsabilidades das administrações educacionais (MARCHESI E MARTIM in COLL, 1995).

Em 1971 um grande feito mostrou maior conscientização sobre as condições do deficiente mental e o lugar que o mesmo ocupa na sociedade. Em assembléia geral das Nações Unidas no dia 20 de dezembro do mesmo ano foi promulgada a "Declaração de Direitos do Deficiente Mental" cujo principal objetivo era desenvolver consciência social de diversos países para as condições humanas que os deficientes mentais têm o direito de receber, promovendo o seu bem estar e adaptação, integrando-os na vida social normal (ONU, 1971).

Entre 1973 e 1992, não ocorreram mudanças significativas no conceito de deficiência mental e hoje em dia a aplicação de definições ainda são bastante polêmicas. Segundo Fonseca (1987) apud Ferreira 1997, há a

classificação baseada em parâmetros médicos (leve, moderada, severa e profunda, de acordo com a lesão) e em parâmetros educacionais (educável, treinável e dependente).

Porém a AAMR (Associação Americana de Retardo Mental) procurou um índice mais fiável onde se poderia classificar o grau da deficiência baseado no comportamento adaptativo que consiste na

“eficiência ou grau com o qual o indivíduo preenche as normas de independência pessoal e responsabilidade social que são esperadas por idade e por grupo social” (GROSSMAN apud RODRIGUES, 1996 , p. 2).

Segundo o mesmo autor esta mesma associação, afirma ainda que *“a qualidade de adaptação geral é mediada pelo nível de inteligência”* provando assim que comportamento adaptativo e inteligência tem uma relação funcional. Baseadas nessas colocações e principalmente na conceituação de comportamento adaptativo segundo Grossman em 1983 que refere-se ao mesmo como a forma em que os indivíduos cuidam de si e como se relacionam com os outros na vida diária, foram determinados 4 níveis de comportamento adaptativo: ligeiro, moderado, severo e profundo. (RODRIGUES, 1996, p. 2). Para melhor esclarecer quais as possíveis classificações abaixo citamos as áreas do comportamento adaptativo até então determinados. São eles: 1. Comunicação; 2. Cuidado Pessoal; 3. Vida doméstica; 4. Aptidões Sociais; 5. Participação Comunitária; 6. Autonomia; 7. Saúde e Segurança; 8. Conteúdos escolares funcionais; 9. Lazer e 10. Trabalho. (RODRIGUES, 1996, p. 4)

Com a determinação desses itens e para que houvesse uma real classificação, foram criados vários instrumentos de avaliação do comportamento adaptativo onde, o mais usado, é a AAMD (American Association on Mental

Deficiency) Adaptive Behavior Scale- School Edition (ABS-SE) que apresentou, no entanto, problemas de garantia e validade pois apresentou dificuldades em ser aplicado com a mesma confiabilidade para diversas culturas e origens sociais e por não coincidir com as classificações legais em outros países. (RODRIGUES, 1996).

Em 1992 a AAMR apresenta nova definição sobre o termo atraso mental referindo-se a limitações substanciais em certas capacidades pessoais que segundo Polloway, 1992 citado por Rodrigues este se manifesta através de um funcionamento intelectual abaixo da média , coexistindo com dificuldades que se relacionam à duas ou mais áreas das aptidões adaptativas já citadas acima. Afirma também que o atraso mental inicia-se antes da idade de 18 anos.

No mesmo ano houve algumas considerações em relação ao diagnóstico que se baseia na avaliação do funcionamento adaptativo do indivíduo na sua comunidade. Em relação à classificação, esta passa a ser em dois níveis: ligeiro e severo, baseados exclusivamente nas dificuldades em aptidões adaptativas e em relação à medida do comportamento adaptativo demonstrando o número de áreas de funcionalidade do comportamento adaptativo e em quantas a criança pode demonstrar dificuldades (duas ou mais). (RODRIGUES, 1996).

É acreditando na criação e aplicação dos testes do comportamento adaptativo é que pretendemos analisar cada vez mais as necessidades educacionais e desenvolvimentistas de pessoas portadoras de deficiência mental e partindo dessas considerações nos preocupamos mais com a conceituação dada à deficiência mental e ao indivíduo que a possui pois, são essas concepções, que nortearão nossos trabalhos e estudos junto a essa população.

Analisando, enfim, toda essa “epopéia” histórica sobre a conceituação e classificação do indivíduo portador de deficiência mental no decorrer dos séculos, e o lugar que este realmente ocupa em nossa sociedade, podemos claramente concordar com a afirmação de Fonseca (1995, p. 8) quando diz que *“(...) é preciso por de lado os estigmas, as etiquetas, os rótulos, que podem classificar comportamentos mas nunca pessoas...”* mostrando , talvez, que terminologias e conceitos muitas vezes são inválidos se as atitudes sociais não mudarem em relação à pessoa portadora de deficiência.

1.2- Interdisciplinaridade: aspectos históricos e conceituais

Quando estamos inseridos em uma instituição que atende pessoas portadoras de qualquer tipo ou grau de deficiência, observamos a existência de uma equipe de profissionais cada um proveniente de diversas áreas do saber que atuam, simultaneamente ou paralelamente, em terapias ou aulas com seus pacientes e/ou alunos, visando o mesmo objetivo: o desenvolvimento máximo de suas capacidades ou até mesmo de sua melhor habilitação ou reabilitação.

Muitas vezes sentimos os aspectos que envolvem a fragmentação dos serviços de uma equipe e promovem o levantamento de certas questões como: de qual área deve ser tal procedimento? Em qual ciência cabe determinado tratamento ou atuação profissional? Essas e outras questões devem ser apresentadas como problema a ser resolvido por toda equipe envolvida.(RODRIGUES, 1991).

Sobre o assunto podemos citar Silva apud Rodrigues (1991) que aponta para a somatória de esforços de diversos profissionais que ajudam os indivíduos sob suas responsabilidades a definir sua plena participação na comunidade a partir de seus objetivos de vida.

Ao estarmos atentos a esse quadro e refletindo sobre o pensar interdisciplinar, chegamos à possível conclusão de que a interdisciplinaridade é hoje, uma das “ferramentas” essenciais para o alcance de objetivos de forma mais efetiva e válida. Andrade (1996) nos mostra tal possibilidade quando afirma que devemos ver o todo, não simplesmente a soma das partes que o compõe, mas percebendo que tudo está em tudo e repercutindo em tudo, permitindo um diálogo entre várias áreas do saber.

A partir de então começamos nossa reflexão interdisciplinar buscando algumas definições e origens no decorrer da história sob a visão de alguns autores, procurando interpretar alguns fatos ocorridos e que influenciaram diretamente na formulação de pensamentos cujos principais objetivos era o 'todo'.

Para iniciarmos essa epopéia através do tempo refletimos sobre o pensamento de Almeida (1998) em relação à evolução histórica do homem. Ele refere-se ao 'todo' dizendo que o mesmo não apresenta relações perfeitas pois, os conflitos surgem a cada instante e é a superação destes que caracterizam a evolução social. Sabendo que os conflitos sempre existirão, o autor aponta uma espécie de ciclo evolutivo onde a superação causará sempre a mudança tanto no plano individual quanto no coletivo, como uma tendência natural inerente ao homem apresentada como consequência inevitável. Seria este o causador das mudanças e evoluções históricas da humanidade, baseada na superação de erros.

É assim que acreditamos nas respostas aos problemas que surgem no decorrer do tratamento ou educação de uma criança dentro de qualquer instituição de caráter especial que enfoque tanto aspectos educacionais quanto os de reabilitação.

Partindo da história podemos citar Alvin Toffler apud Andrade (1996) que procura se referenciar ao surgimento da interdisciplinaridade no decorrer do tempo a partir de marcos nele cinzelados por alguns pensadores. Esse autor defende a idéia de que a história da humanidade se evolui em ondas e é a partir desta concepção que a subdivide em três grandes etapas.

A primeira onda parte da era pré-histórica onde, o sustento e a preocupação humana era baseada na agricultura e na posse de terra para sua

própria subsistência. Gusdorf citado por Japiassu (1976) nos fala também de uma sociedade que possuía sua inteligibilidade universal baseada em mitos próprios, que possibilitava um equilíbrio harmonioso da sociedade, fundamentado em atitudes provenientes de crenças mitológicas como, por exemplo, em deuses e potências que regiam o mundo.

Antes da referência de Toffler sobre a segunda onda evolutiva Gusdorf apud Japiassu (1976) cita um advento da consciência reflexiva na época a qual chamou Antiguidade clássica, onde as tradições começaram a ser substituídas por sínteses racionais e disciplinas como a matemática e a astronomia surgiram. Porém é válido lembrar que a visão mitológica ainda existia só que já se abriam novas possibilidades de raciocínio. Para tanto podemos citar também o surgimento da astrobiologia provinda do Oriente além do universo dos sumérios e dos egípcios que suscitavam um equilíbrio harmonioso na Terra provindo da influência dos planetas.

Fazenda apud Rodrigues (1991) nos faz lembrar que a civilização da qual fazemos parte provém destas e cita que os gregos do século VI a.C. viam um mundo unido em seus elementos acreditando, assim, em apenas um “conhecimento” onde disciplinas como filosofia, ciência, arte e religião eram inseparáveis.

Já na Era Medieval Gusdorf citado em Japiassu (1976) aponta que há uma retomada de disciplinas como a astrobiologia pela cultura cristã, que marcou e regeu boa parte desse período histórico. Nesse momento a crença apenas na regência do ‘Deus das Escrituras’ formava uma escola cuja religião e ciências realizavam funções conjuntas mantendo a unidade do fato e do valor justificada pela providência divina e pela correlação da natureza e da graça o que permitia o

fiel orientar-se tanto intelectualmente quanto espiritualmente, seguindo coordenadas de fé. Enfim, a íntima aliança entre os mitos e os rituais, do homem, o mundo e Deus, garantem “(...) *equilíbrio do espaço mental e promete que o curso da história individual e coletiva chegará a bom termo*” (Gusdorf apud Japiassu, 1976, p.18).

Com o advento da Idade moderna onde, segundo Toffler citado por Andrade (1996), inicia-se a segunda onda evolutiva da humanidade. Baseado no raciocínio de que a escola é orientada pelo tipo de homem que quer formar, o autor diz que esta assim o fazia. Surgiram as escolas públicas que tinham como objetivo formar operários onde, os indivíduos eram treinados, disciplinados e subjugados para atender às necessidades industriais já que o marco da época foi a Revolução Industrial.

Gusdorf apud Japiassu (1976, p. 18) mostra-nos que nesse mesmo período histórico há o advento da ciência moderna advinda de Galileu a Newton que reduz o universo a “(...) *um conjunto de corpúsculos materiais, cujas ações e reações obedecem a leis precisas e rigorosas (...)*” fazendo cair assim a mística idéia harmoniosa de equilíbrio.

Continuando, o autor ainda afirma que em meados do século XVIII com a Revolução Francesa, há o surgimento de várias disciplinas como a economia matemática, a psicologia experimental, a demografia , dentre outras que pretendiam reduzir a existência humana em um estatuto de perfeita objetividade. A partir de então a ciência desmembrou a figura humana dissociando as perspectivas, estudando o homem por partes em atitudes distintas como se esse não fosse um só todo. Japiassu (1976) aponta que com embasamento nessas idéias que as especializações exageradas das disciplinas

científicas começaram a surgir com uma fragmentação enorme do conhecimento. Esse fato sucedeu principalmente no século XIX. Para definir esse momento G. K. Chesterton apud Japiassu (1976, p. 40) nos fala que *"(...) o especialista converteu-se nesse homem que, à força de conhecer cada vez mais sobre um objeto cada vez menos extenso, acaba por saber tudo sobre o nada"* e ainda reafirmamos com a fala de Gurdorf citado no mesmo livro p. 20, quando se refere às ciências humanas *"(...) que parecem muito mais propor os produtos de decomposição de um cadáver"*.

Retomando a linha de raciocínio de Alvin Toffler citado por Andrade (1996), a terceira e última onda da evolução da história da humanidade é, nada mais nada menos, o momento em que vivemos na atualidade, onde a posse de informação garante o poder.

Como sugeriu Almeida (1998) anteriormente, a evolução humana a parte da superação de conflitos, Andrade (1996) vem confirmar tal pensamento quando se refere à escola atual em relação à escola pública da época da Revolução Industrial. A autora aponta que, vivemos hoje na chamada era da pós-modernidade ou neo-modernidade, que se opõe à lógica dialética fundamentada na noção de contradição. São essas e outras razões como a política, que impõe democracia e exige pessoas questionadoras, críticas e comprometidas com as mudanças; as questões histórico-filosóficas e sócio-político-ideológicas, que exigem cada vez mais mudanças na instituição escolar.

Nos dias atuais, como exemplifica Almeida (1998), a sociedade é uma rede de computadores que evolui a partir do aumento de comunicação e expansão entre os nódulos, o mesmo ocorre com a escola a partir da correlação entre as disciplinas e a forma com que ampliam seus currículos. Analisando pois

esses aspectos que começamos observar um grande 'furo' nessa suposta rede pois, as disciplinas, não apresentam comunicação entre si e mostram-se muitas vezes isoladas.

Na década de 60, segundo Resende et al (1996) vários autores se propuseram definir o conceito de interdisciplinaridade preocupados com a crise que o mundo científico passava devido ao grande aumento do número de especializações.

Sobre o assunto Fazenda citada pelos mesmos autores diz que essa atitude mostrava a necessidade de um novo paradigma de ciência, de conhecimento, de um novo projeto de educação, de escola e de vida, ansiando uma visão totalitária, desejando uma orientação das ciências humanas para a convergência, trabalhando a unidade humana.

Já na década de 70 vários autores marcaram a época com uma variedade de termos empregados. Com as contribuições de E. Jantsch e de G. Michaurd, Fazenda (1991) cita termos comuns entre os pesquisadores da área:

- Multidisciplinaridade: disciplinas propostas simultaneamente porém sem fazer relações entre si, não apresentando nenhuma cooperação;
- Pluridisciplinaridade: diversas disciplinas justapostas situadas em um mesmo nível hierárquico agrupadas e mantendo relações entre si. Destina-se à um sistema de um só nível e de objetivos múltiplos onde existe cooperação mas não coordenação;
- Interdisciplinaridade: objetiva-se a um sistema de dois níveis de objetivos múltiplos existindo coordenação;
- Transdisciplinaridade: coordenação de todas disciplinas e interdisciplinas em um sistema com múltiplos objetivos.

Enfim, na década de 90, Fazenda et al (1991) aponta que a interdisciplinaridade voltou a ser tema de congressos de formação de educadores como em reuniões anuais de associações de pós-graduação mostrando-nos estar em fase de transição com relação ao novo paradigma de conhecimento que surgiu.

A mesma autora afirma:

"(...) pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma exaustiva. Tenta, pois, o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas" (p. 15)

Essa afirmação reforça o raciocínio inicial deste capítulo quando vemos na união dos profissionais envolvidos com cada indivíduo como solução para uma série de questões acerca da atuação de cada profissional envolvido.

Pensando da mesma forma procuramos concordar com Wallner e Etges citados em Jantsch & Bianchetti et al (1995) quando referem-se à interdisciplinaridade como elemento de mediação em diversas disciplinas sem jamais almejar a redução de um denominador comum mas, como meio exploratório do máximo potencial de cada ciência, compreendendo seus limites mas mostrando que assim se completam promovendo maior diversidade e criatividade. Gusdorf citado por Japiassu (1976) ainda complementa essa idéia ao se referir aos especialistas dizendo-lhes para *"(...) tomar consciência dos próprios limites para acolher contribuições das outras disciplinas" (p. 26)*

Será que seguindo essa linha de raciocínio poderemos alcançar o objetivo comum de toda uma equipe que almeja o desenvolvimento global e o alcance das potencialidades máximas das pessoas portadoras de algum tipo de deficiência que estão sob sua responsabilidade?

Para tanto, Rodrigues (1991) aponta uma possível solução para a busca de um objetivo de forma coerente e efetivamente interdisciplinar: são os projetos onde, trabalhos em equipe são sugeridos e as informações são permeadas e utilizadas entre os profissionais para o desenvolvimento do homem, onde o limite da especificidade profissional apresenta-se tênue e desprovida de corporativismo. Em suma, o conhecimento é utilizado por toda a equipe sem perda das características específicas da profissão ou da área do conhecimento. A interdisciplinaridade deve se fazer presente no decorrer de nossas ações em todos os momentos de nosso trabalho, acarretando um clima de realizações.

CAPÍTULO 2- “BUSCANDO A REALIDADE DA INTERDISCIPLINARIDADE E A EDUCAÇÃO FÍSICA”

2.1- Procedimentos metodológicos

O presente trabalho abordou questões de ordem reflexiva quanto aos termos e atuações interdisciplinares dentro do contexto de instituições especializadas que atendem pessoas portadoras de deficiência mental. Verificou-se a atuação da Educação Física no processo institucional sob a ótica dos profissionais desta área, tomando como base teórica dois aspectos:

1.º Evolução histórica e conceitual da deficiência mental

2.º Aspectos interdisciplinares

A pesquisa se caracteriza por uma abordagem fenomenológica, pois, como afirma Silva (1996), foi capaz de desenvolver certa metodologia para produzir dados descritivos que permite ver o mundo sob a ótica dos sujeitos estudados, no caso, os aspectos da interdisciplinaridade no cotidiano das instituições especializadas das cidades de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba, do Estado de São Paulo sob o ponto de vista dos professores de Educação Física que atuam nas mesmas.

Segundo Tavares (2000) a partir dessa referência podemos apontar ainda que o estudo apresenta-se sob aspectos qualitativos indicando um relacionamento dinâmico entre o mundo real e o sujeito, criando uma interdependência entre este e o objeto estudado, apontado, nesse estudo pela relação entre a interdisciplinaridade e a atuação da Educação Física.

Utilizamos ainda como instrumento de pesquisa para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada, pois segundo Bailey apud Varaschin (1998), esta combina questões abertas e fechadas que permitem o entrevistado discorrer sobre o tema sugerido sem que o entrevistador fixe, a priori, determinadas respostas ou condições. Confirmando tal pensamento Gil, citado pela mesma autora, refere-se a essa modalidade de entrevista como um instrumento guiado por uma relação de questões de interesse apresentando-se como um roteiro, onde o investigador o explora de acordo com seu o desenvolvimento.

Para selecionarmos as instituições a serem envolvidas na pesquisa determinamos que estas deveriam possuir, em seu quadro profissional, outras disciplinas além da Educação Física para que os aspectos interdisciplinares e seus reais conceitos, objetivos e aplicabilidade pudessem ser identificados e analisados.

Ao iniciarmos o processo de seleção observamos que todas as instituições especializadas da região delimitada continham os quesitos necessários para serem submetidas ao estudo, então nosso quadro a ser abordado apresentou-se da seguinte forma:

- 1 instituição da cidade de Tremembé;
- 1 instituição da cidade de Pindamonhangaba;
- 3 instituições da cidade de Taubaté.

Obtendo, portanto, o total de cinco instituições, verificamos o número de professores de Educação Física que cada uma delas possuía em seu quadro profissional e constatamos, finalmente, o número de entrevistados:

- 1 na instituição de Tremembé;

- 2 na instituição de Pindamonhangaba;
- 4 na instituição n.º 1 de Taubaté;
- 3 na instituição n.º 2 de Taubaté;
- 1 na instituição n.º 3 de Taubaté que, inclusive, é o mesmo

profissional que atua na entidade da cidade de Tremembé.

Após o levantamento desses dados fechamos o quadro de professores de Educação Física a serem entrevistados num total de dez. Para garantir os aspectos éticos da pesquisa foi encaminhada à diretoria de cada instituição uma carta solicitando a autorização para aos professores serem submetidos à entrevista, especificando o sigilo e a não identificação tanto dos mesmos quanto das entidades envolvidas.

O estudo foi realizado no primeiro trimestre do ano de 2003 e possibilitou uma visão dos profissionais de Educação Física da região quanto:

- a conceituação e entendimento sobre a interdisciplinaridade no desenvolvimento de seu trabalho;
- a conotação e valor dado à Educação Física dentro das instituições especializadas mostrando qual a sua posição dentro de um contexto ou atuação interdisciplinar; aos aspectos interdisciplinares que estão envolvidos e as possibilidades de melhoras no atendimento dos alunos que portam deficiência mental.

2.2- Roteiro das Entrevistas

A seguir apresentamos um quadro de caracterização das instituições referindo-se às disciplinas nelas existentes, que apontou a seleção do objeto pesquisado. Também segue as questões que nortearam as entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto aos professores de Educação Física e no item Anexo 1 desse trabalho, encontram-se as transcrições literais das respostas dadas pelos entrevistados:

Quadro de caracterizações das instituições									
Disciplinas/ Instituições	Fisioterapia	Psicologia	Fisioterapia	Pedagogia	Medicina	Odontologia	Terapia ocupacional	Assistência social	Outros
1 Taubaté	X	X	X	X	X		X	X	Ed. Artística
2 Taubaté	X	X	X	X	X		X	X	Ed. Artística
3 Taubaté	X		X	X			X	X	Ed. Artística
1 Pinda	X	X	X	X	X		X	X	Ed. Artística
1 Tremembé	X	X	X	X	X		X	X	Ed. Artística

- 1) O que você entende por atuação interdisciplinar?
- 2) Na sua opinião, qual a importância desse aspecto dentro das instituições especializadas?
- 3) A Educação Física participa, ou já participou de algum projeto interdisciplinar?

4) Quanto área do conhecimento, você acredita que a Educação Física pode colaborar com outras disciplinas? Em caso de afirmativo, quais e como esse *processo pode ocorrer?*

5) Você já teve experiência com pessoas não portadoras de deficiência mental?

Caso já tenha houve mudanças em suas atitudes em relação a população que hoje você atende? Você chegou a observar se havia alguma espécie de atuação interdisciplinar neste (s) local (is) que você chegou a atuar?

2.3- Análise e discussão

Ao analisarmos as respostas dos entrevistados procuramos detectar a relação entre a conceituação, entendimento e prática interdisciplinar sob a ótica dos profissionais em suas respectivas instituições num contexto em que a Educação Física apresente-se como agente ativo e participante. Temos também a oportunidade de observar o quanto o sistema dessas instituições funcionam de forma integrada em relação às disciplinas nelas envolvidas e, até que ponto ocorre uma melhor efetivação de atendimento em busca de um objetivo em comum, que é o próprio aluno, em meio à ação de tantas disciplinas e profissionais inseridos.

Tomamos como base para análise das entrevistas três aspectos sobre a interdisciplinaridade:

- Conceituação: como os professores conceituam a interdisciplinaridade;
- Compreensão: como entendem e encaram a interdisciplinaridade como eixo unificador do alcance de objetivos comuns entre as disciplinas inseridas em uma instituição especializada;
- Aplicabilidade: como se posicionam frente às possibilidades de atuação interdisciplinar.

As análises serão descritas a partir das entrevistas realizadas em cada entidade, mostrando de maneira global, a opinião e atitude das equipes de Educação Física de cada uma delas.

ANÁLISE DA PESQUISA DA ENTIDADE N.º 1

TAUBATÉ

Podemos observar que nessa entidade os professores sabem exatamente o conceito teórico de interdisciplinaridade e, num contexto global, entendem parcialmente o que seria uma atuação concreta e coerente em relação a mesma.

Vimos também uma certa incoerência de pensamentos em questões como a segunda, onde é questionada a participação de Educação Física em projetos interdisciplinares. Um acha que sim e outro que não e um terceiro opta pela parcialidade, mostrando a grande dificuldade de compreensão sobre o real papel interdisciplinar dentro de projetos em conjunto.

Analisando sob esses aspectos podemos ver que características como reciprocidade, diálogo e humildade diante do próprio saber como propões Fazenda et al (1991) são traços que aparentemente não fazem parte dessa equipe, tal como a incerteza do real significado da atitude interdisciplinar.

Projetos isolados mostram discreta tentativa e apontam o envolvimento de poucos profissionais das áreas diversas que a instituição possui, o que delimita muito o universo de possibilidades para os alunos pois, como apontam Kirk & Gallagher e Silva citados por Rodrigues (1991, p. 50) há *"(...)a necessidade e a importância do trabalho integrado, ou seja, a busca da interdisciplinaridade quando se trata da educação e reabilitação da pessoa portadora de deficiência"*.

Esses professores, em ocasiões de atuação fora da instituição especializada, não tiveram a oportunidade de vivenciar a interdisciplinaridade nem

conhecer aspectos que, certamente, resultaria em uma melhor aplicabilidade da mesma atualmente.

ANÁLISE DA PESQUISA DA ENTIDADE N.º 2

TAUBATÉ

Tal qual a entidade anterior, os profissionais dessa entidade souberam definir teoricamente o conceito de interdisciplinaridade e entendem como essa pode ocorrer junto à Educação Física e outras disciplinas, porém, muitas vezes limitam-na quando expõem exemplos voltados apenas em situações decorrentes ao auxílio à Pedagogia e disciplinas ensinadas por pedagogos dentro das salas de aula. Podemos citar trechos de algumas respostas para esclarecer o que expomos: *“(...)se ele está aprendendo a matemática ele pode ver que está fazendo contagem na Educação Física, como contagem de pontos (...)”*

“Participa através de jogos de pontos, jogos didáticos como o boliche de cores e assim se ligando com a parte pedagógica”

Ao analisarmos tais colocações levantamos uma possível hipótese sobre o assunto imaginando que, tal ligação, provém da formação dos profissionais e sua proximidade às disciplinas educacionais aprendidas e vivenciadas nos cursos de licenciatura em Educação Física. É relevante alertarmos sobre a importância do conhecimento da integração entre outras disciplinas, não apenas as pedagógicas, mas as que formam a equipe de uma instituição para reabilitação ou habilitação de pessoas portadoras de deficiência, pois devemos compreender o aluno como um todo indivisível e *“(...) transcender sua própria especialidade tomando consciência de seus próprios limites para*

acolher as contribuições das outras disciplinas” (Gusdorf apud Japiassu, 1976, p. 26).

A aplicabilidade da interdisciplinaridade mostrou-se de forma discreta e desordenada, aparecendo em atitudes individuais de cada profissional, quanto muito em relação aos conceitos aprendidos em sala com pouco diálogo com o pedagogo responsável.

ANÁLISE DA PESQUISA DA ENTIDADE N.º 3- TAUBATÉ

E

N.º 4- TREMEMBÉ

O professor soube conceituar a interdisciplinaridade de forma teórica porém mostrou-se muito confuso em relação ao entendimento e aplicabilidade da mesma no seu cotidiano.

Segundo Andrade (1996), é certo que os aspectos interdisciplinares englobam características como interação e comunicação entre as disciplinas porém, estes buscam integração do conhecimento num todo significativo. Quando observamos a entrevista desse professor vemos que o mesmo acredita numa interdisciplinaridade apenas na troca de informações para acrescentar algo em sua própria especificidade, deixando claro a crença do desenvolvimento de forma isolada deixando de formar um único corpo de conhecimento a favor do melhor desenvolvimento do aluno.

Concluimos então, que sua definição de interdisciplinaridade seria a conceituação que conhecemos sobre multidisciplinaridade apresentado como “(...) *um modelo fragmentado em que há justaposição de disciplinas diversas, sem*

relação aparente entre si” (ANDRADE, 1996, p. 2). Esses aspectos podemos analisar em respostas como:

“É ter, por exemplo, um problema dentro da minha área, que é a Educação Física, e precisar de uma fisioterapeuta, de uma fonoaudióloga, para então estar fazendo um intercâmbio entre todos os outros profissionais (...), para que você possa estar trocando informações e até mesmo idéias do que você pode estar melhorando no atendimento daquela criança”

“(...) eu procuro estar conversando com os psicólogos, fisioterapeutas pois, nessa equipe eu posso estar procurando algum auxílio e estar melhorando no atendimento..”

Por incrível que pareça, no único momento da descrição de sua vivência em que podemos observar uma atuação interdisciplinar ao citar uma reunião anual em que várias disciplinas discutem alguns casos determinando um plano para melhor atendimento de um aluno dito *“mais complicado”*, ele pontua ser uma atuação multidisciplinar reafirmando uma grande confusão de conceitos e desconhecimento sobre a possibilidade integrada das disciplinas, mostrando desconhecer, como aponta Silva citado por Rodrigues (1991) que a soma de esforços de diversas disciplinas e a união de diversos profissionais que ajudarão cada indivíduo definir seus objetivos de vida.

ANÁLISE DA PESQUISA DA ENTIDADE N.º 5

PINDAMONHANGABA

Nessa instituição observamos uma maior conscientização sobre a interdisciplinaridade nos três aspectos propostos para análise:

conceituação, compreensão e aplicabilidade, ainda que esse último encontra-se ainda em processo de desenvolvimento.

Ambos professores mostraram conhecimento sobre o assunto porém, como já visto nos casos antes analisados, ainda há grande dificuldade de desvincular a imagem interdisciplinar apenas dos aspectos educacionais e pedagógicos. Podemos aqui, também citar trechos da entrevistas em que essa nossa afirmação pode ser fundamentada: *"(...) ela quase não colabora com o Português, no meu caso não consegui achar uma relação, mas em matéria de álgebra e matemática, de história, de geografia a Educação Física tem muito a ver..."*

"(...) estamos com idéias de estar trabalhando a escolaridade junto com a Educação Física , estar desenvolvendo um projeto de Educação Física de acordo com as necessidades da escolaridade"

Essas afirmações vêm confirmarem a colocação de Rodrigues (1991) ao se referir à interdisciplinaridade sugerindo um trabalho em equipe onde informações são utilizadas para o melhor desenvolvimento do trabalho com o homem, onde o limite da especialidade profissional apresenta-se tênue e desprovido de corporativismo, assim o conhecimento é utilizado por todos sem que se perca as características específicas de cada área do conhecimento ou profissão.

Ao concluirmos essa etapa do nosso trabalho transcrevemos novamente algumas palavras do professor 2 dessa instituição ao se referir ao trabalho que vivenciou em outras entidades, mostrando conscientização da importância da interdisciplinaridade não apenas dentro de escolas especializadas como também no mundo e no convívio social, pois como afirmam Jantsch &

Bianchetti (1995), esta é fecunda quando trabalhada em equipe pois proporciona, por fim, a construção de um sujeito coletivo:

“Nas outras instituições tudo se apresentava de forma isolada, como na academia, eles ainda não têm noção desse conjunto importante para o desenvolvimento do ser de uma forma geral. A partir de quando o mundo começar a acreditar nessa união vai melhorar um pouco, porque o conjunto faz parte, a interdisciplinaridade faz parte do dia-a-dia e o pessoal não cai na real porquê o egoísmo é muito grande e trabalhar sozinho é muito mais fácil do que em conjunto, é você ter a humildade de estar chegando em uma pessoa de outra área para estar aprofundando a sua, ou ajudando alguém, é difícil isso acontecer.”

Para melhor visualizarmos as citações anteriores, listamos abaixo o número de profissionais relacionados às questões norteadoras de nossa discussão para que possamos enxergar como se encontra o quadro interdisciplinar das instituições selecionadas para esta pesquisa como também a situação da Educação Física em meio a todo esse processo.

Num total de 10 professores pudemos observar que todos apresentaram-nos uma conceituação teórica sobre a interdisciplinaridade que coincide com os pensamentos de vários autores ligados à área e que foram citados em nosso trabalho. Nota-se que várias vezes é definida com muita facilidade o que nos impele a acreditar num real conhecimento sobre o assunto.

Ao elaboramos questões que nos levam a entender até que ponto os profissionais de Educação Física abordados compreendem o que realmente vem a ser a interdisciplinaridade e sua importância em relação ao desenvolvimento do aluno, deparamo-nos com a seguinte realidade: do montante total de professores, 6 mostraram compreender efetivamente o seu significado, 3 apresentaram um

parecer tanto confuso determinando um conhecimento que chamamos de parcial sobre o assunto caracterizado pela não aplicação correta de termos ou ainda por manifestar apenas que o ato é importante e válido porém não compreenderam como o processo realmente pode ocorrer, e apenas 1 mostrou desconhecer o sentido de interdisciplinaridade confundindo-a com ação multidisciplinar apesar de conseguir conceituá-la teoricamente de forma correta como os demais.

Já sobre as questões que induzem à resposta de aplicabilidade dos conhecimentos teóricos que apresentavam, vimos que do total apenas 2 aplicam projetos interdisciplinares no seu cotidiano, mesmo que de forma um pouco inconsciente, utilizando-se de outras disciplinas nas suas aulas sem o envolvimento e comprometimento de outros profissionais; 3 afirmam a participação da Educação Física em projetos aleatórios, referentes a datas comemorativas; 3 apontam a participação em projetos mais estruturados, com a participação de profissionais de outras áreas não apenas em momentos específicos, mas no decorrer das aulas e 2 mostraram um pensamento multidisciplinar quando questionados sobre a participação da Educação Física na integração disciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como ponto de partida a crença de que a interdisciplinaridade é hoje um dos meios mais efetivos para o alcance de objetivos em comum principalmente em entidades de caráter especial, que viemos por meio dessa pesquisa mostrar como esta muitas vezes não é utilizada por equipes que possuem múltiplas disciplinas e, por vez, “desperdiçam” a oportunidade de desenvolverem um trabalho mais efetivo com crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental.

Tivemos a oportunidade de observar mais aproximadamente a realidade de cinco instituições que apresentam, em suma, um trabalho multidisciplinar onde seus profissionais atuam de forma justaposta com as perspectivas de relações mutuas, buscando objetivos comuns de forma separatista e muitas vezes exclusivista. Essa afirmação pode parecer uma tanto contraditória visto que observamos indícios de uma atuação interdisciplinar lactente em algumas instituições em que a Educação Física se faz presente, contudo ficou evidente a ênfase em relações fragmentadas e justapostas.

Baseando-se nas conceituações e explicitações de entendimento e aplicabilidade da interdisciplinaridade pelos professores de Educação Física entrevistados, consideramos finalmente que estes, de uma forma geral, ainda não compreenderam a importância da Educação Física nesse contexto interdisciplinar e quanta esta pode colaborar para o melhor desenvolvimento de pessoas portadoras de deficiência mental.

Podemos perceber, após análise dos dados apresentados, um considerável descompasso entre a questão conceitual e o efetivo entendimento sobre a interdisciplinaridade pelos profissionais entrevistados.

Observamos também que a grande maioria dos pesquisados, ainda que em certas situações conceituem interdisciplinaridade, esboçam algum entendimento sobre a mesma, porém fica muito evidente que sua aplicabilidade ocorre muito timidamente e, em muitas vezes, de forma isolada.

Ainda sobre os aspectos de aplicabilidade podemos notar que a questão também vem ligada diretamente a aspectos educacionais e às disciplinas que cercam a atuação docente no interior de salas de aulas, conotação dada aos profissionais da área específica da pedagogia que se responsabilizam pela intermediação de disciplinas como matemática, língua portuguesa e ciências, ou seja, quando a interdisciplinaridade acontece durante a atuação do profissional de Educação Física ela vem aliada, normalmente, às disciplinas acima citadas.

Por fim consideramos que os aspectos interdisciplinares relacionados com a Educação Física nas instituições pesquisadas, encontram-se em processo de conhecimento e desenvolvimento.

Em meio a toda essa discussão nos atrevemos ainda levantar a hipótese de que a interdisciplinaridade só não é mais utilizada devido à falta de conhecimento quanto ao assunto e, quando esse existe, muitas vezes não permite a sua aplicação por ausência de preparo dos profissionais envolvidos. Isso é decorrência, provavelmente, da formação acadêmica profissional que há tempos insiste num modelo especializador,

que fragmenta o conhecimento e pressupõe a divisão do homem e do mundo em partes específicas onde cada um cuida da sua.

Enquanto os profissionais de instituições especializadas com múltiplas disciplinas disponíveis para auxiliar o aluno, não se conscientizarem de que é necessária uma união e maior comprometimento de todos, os alunos portadores de deficiência mental continuarão perdendo no processo de desenvolvimento de suas potencialidades, pois se a união existir, os objetivos serão alcançados com mais precisão e quem sairá ganhando sempre será o aluno.

É óbvio que esse estudo não se encerra aqui, ele aponta para a necessidade da ampliação do horizonte do conhecimento sobre interdisciplinaridade e sua realidade com a Educação Física e deixa-nos bem claro o quão é válida a pesquisa e maior aprofundamento do assunto em outras oportunidades, a fim de proporcionar uma ampliação de conhecimentos que, conseqüentemente, nos levará a uma aplicação efetiva e o melhor alcance dos objetivos almejados.

BIBLIOGRAFIA

AMARILIAN, M. L. T. M. *Temas básicos de Psicología: Psicología do Excepcional*. São Paulo: Editora EPU, 1986. (v.08)

ANDRADE, R. C. de. *"Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular"*. Revista da Educação, v. 09, n. 14, set.1996 . Disponível em: <<http://w.w.w.suigeneris.pro.br>> Acesso em: 02 de abril 2003.

ALMEIDA, J. L. de V. *"Interdisciplinaridade- uma questão histórica"* . Variedades e Educação, art. 02, 1998. Disponível em: <<http://www.suigeneris.pro.Br/inter2htm>>

COLL. C. (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FAZENDA, I. C. A. *"Interdisciplinaridade – Um projeto de parceria"*, São Paulo: Editora Loyola, 1991.

FAZENDA, I. C. A. *"Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa"*. Boletim da comissão interinstitucional sobre o meio ambiente e educação universitária, São Paulo, n. 1, p. 4 – 6, fev./mar. 1991

FERREIRA, A. I. F. *Avaliação motora para a pessoa deficiente mental nas APAEs da região de Campinas- SP: Um estudo de caso*. 109 p. Tese (Doutorado

em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FONSECA, V. da. *Educação Especial I- Programa de estimulação precoce: uma introdução às idéias de Feuerstein*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JANTSCH, A. P., BIANCHETTI, L. (Orgs.) *“Interdisciplinaridade para além da Filosofia do Sujeito”*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

JAPIASSU, H. *“Interdisciplinaridade e Patologia do Saber”*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

KIRK, S. A., GALLAGHER, J. J. *Educação da criança excepcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RESENDE M. B. et al. *“Simcity 2000 Game simulador de cidades catalisa trábalo interdisciplinar”*. In: SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A COMUNICAÇÃO TRANSVERSAL, 1996, São Paulo. Disponível em: <<http://w.w.w.soffner.eng.br/artigo02htm>>. Acesso em: 24 mar. 2003

RODRIGUES, D. *“Atividade Motora como Recurso Educacional para o Portador de Deficiência Mental”*. In: Congresso de Atividade Motora Adaptada, 1996, Mimio Local: Editora, data. Páginas

RODRIGUES, J. L. *“Educação Física no cotidiano interdisciplinar e a pessoa portadora de deficiência”*. 1991. 109 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1991

SILVA, S. A. P. dos S. *“A pesquisa qualitativa em Educação Física”*. Revista Paulista Educação Física, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 87-98, jan./jun. 1996

TAVARES, M. da C. G. C. F. *“Abordagem de pesquisa em atividade física adaptada”*. Campinas: CODESP, 2000.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Virtual dos Direitos Humanos. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/tratados/deficientes/declaracao_direitos_deficiente_mental.html>. Acesso em: 20 nov. 2002.

VARASCHIN, M. J. F. da C. *“Mudança estratégica em uma organização do setor público agrícola do Estado de Santa Catarina”*. 1998. __p. Tese (Doutorado em Agronomia) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998

ANEXO 1

Transcrição literal das respostas dadas pelos professores de Educação Física entrevistados:

ENTIDADE N.º 1 – TAUBATÉ

Professor de Educação Física 1

- 1) “Na minha visão, atuação interdisciplinar é quando duas ou mais disciplinas atuam juntas afim de atingirem o mesmo objetivo”
- 2) “ Eu penso que dentro das escolas especializadas as crianças têm mais dificuldades em aprender, em se concentrar, em estar mais próximos de nós profissionais, então se dentro de nossa área a gente não trabalhar em conjunto com as outras áreas fica difícil da criança entender. Por exemplo, se dentro da Educação Física trabalharmos o andar em linha reta, depois a criança vai a aula de dança onde só vai fazer giro, depois vai na sala de aula, no pedagógico, e de repente ela só vai aprender a escrever, fazer ‘S’; na psicóloga trabalhar de outra forma a criança vai ficar meio desorientada, meio sem rumo no que vai fazer, por isso a importância de trabalharem na mesma linha, as áreas umas ajudando as outras.”
- 3) “Já participou, mas eu acho que participou de maneira que trabalha com os profissionais, não de forma efetiva com os alunos, pois quando tem algum evento na escola os profissionais trabalham juntos, profissional de artes, profissional de dança, profissional de Educação Física, mas isso acontece só naquele momento, não tem uma linha a ser seguida dentro da escola onde todos trabalhem da mesma forma, cada um trabalha dentro da sua área, do jeito que acha melhor, não tem nada, nenhuma linha que faz com que todos pensem igual, pode ate pensar do mesmo jeito mas cada um trabalha do seu modo”

4) “Eu penso que sim, mas acho que dentro de uma escola especial ela não ajuda tanto como em uma escola de ensino fundamental para pessoas ditas normais, porque dentro da especial a criança não tem muita consciência daquilo que ela está fazendo, ela faz mais por fazer, o professor sabe a importância do que ele está fazendo, mas a criança não. Numa escola de “normais” a criança sabe que esta correndo na quadra e sabe o porquê que esta fazendo; ela está falando números na quadra, dividindo na quadra num sistema de jogo usando a matemática; o jeito dela falar na quadra pode estar usando o português, fazer leitura do jogo do time adversário poderia ser uma interpretação de texto, mas uma interpretação do que está acontecendo na quadra, então, a Educação Física trabalhada dessa forma para crianças “normais” ajuda mais que na área especial.”

5) “Sim. Com certeza houve mudanças. Com as pessoas que não são deficientes mentais, você as trata de uma outra maneira. Com eles a gente acaba passando a mão na cabeça, aceitando mais coisas e não cobrando tanto quando a gente cobraria das crianças que são consideradas normais da escola de ensino fundamental comum, eu até penso que é uma forma errada de atuar, porque elas são deficientes mentais e não coitadas, então eu tenho que trata-las de forma igual, ou o mais igual possível (*Em relação a interdisciplinaridade e a instituição para não portadores de deficiência mental*) Não tinha (atuação interdisciplinar), os professores concorriam entre si, eles disputavam. Porque eram professores do Estado eles diziam: “Não, eu não quero fazer, vem outro e pega a minha aula, o outro é amigo da diretora e ela vai levar vantagem, é ele que esta fazendo e não eu ...”, então cada um se virava do jeito que podia. Tinha alguma ajuda mas dentro da mesma área, por exemplo, os professores de matemática se reuniam para fazer reunião mas não tinha um professor de química, um professor de

biologia ou um professor de português junto, porque cada um queria defender o seu, ninguém queria ajudar ninguém.”

Professor de Educação Física 2

- 1) “Várias áreas trabalhando junto, todas falando a mesma língua, trabalhando em conjunto”
- 2) “Eu acho que se todas as disciplinas estão falando a mesma língua os objetivos são alcançados mais rapidamente”
- 3) “Não, eu acredito que não, a Educação Física aqui na escola cuida mais de eventos, de festas, de datas comemorativas, mas não entra muito na área técnica. É quando, por exemplo, existe um estudo de caso, onde várias disciplinas estão presentes como fisioterapia, psicologia, fonoaudiologia, todos estudando um caso de um paciente para estar colocando o que seria mais adequado a ele e a Educação Física não está presente. Se um paciente, por exemplo, tem uma escoliose, um problema de coluna, se é indicado uma hidroterapia, porque não é indicado uma natação? Eu acho que não participa dessa equipe nesse sentido, eu acho que deveria e que não está certo ficar de fora não, porque é tão importante quanto as outras disciplinas”
- 4) “Sim, eu acredito. Pra começar eu acho que pode colaborar com as professoras de sala por exemplo, na piscina, você pode trabalhar a matemática, com número de braçadas, número de pernadas, buscar números no fundo da piscina, ajudando as professoras de sala nesse sentido. Eu acho que a criança quando gosta de uma atividade ela pode estar melhor nas outras disciplinas, quando a criança vai para uma piscina e se sente bem, sai alegre, contente, ela está mais aberta aos ensinamentos dados em sala.”

5) “Sim, já trabalhei em academia durante oito anos e pra mim a única diferença é que os objetivos lá são atingidos mais rapidamente. Com as crianças deficientes mentais você vai atingir os objetivos sim, mas com mais calma, aos poucos você vai conseguindo chegar lá. Os processos pedagógicos são diferentes, não somente a calma, você tem que elaborar um processo pedagógico pra atingir o mesmo objetivo que você tem em uma academia trabalhando com os ditos ‘normais’, eles demoram muito mais tempo para aprender coisas básicas, atividades básicas na piscina como respiração, batimento de pernas, flutuação então esse objetivo vai ser alcançado mais demoradamente. Esse processo pedagógico são atividades diferentes, não somente no tempo nem somente na calma, os exercícios são diferentes, existem mais brincadeiras, não é uma coisa tão técnica como é feito em uma academia onde o objetivo maior é aprender a nadar mesmo e condicionamento físico, aqui o objetivo não é esse, aqui o objetivo também é a brincadeira, então existe uma recreação , mas todas essas brincadeiras levam a um objetivo que é aprender a nadar, aprender a gostar da água e a se virar bem na água.”

Professor de Educação Física 3

1) “Uma atuação interdisciplinar é quando há uma relação constante entre as disciplinas que estão envolvidas no contexto escolar ou hospital, ou qualquer outro meio que necessite de interdisciplinaridade.”

2) “É importante para ter um melhor desenvolvimento do aluno, do paciente ou do cliente tendo como base atividades diversificadas e se não acontecer um contato com outras disciplinas não dá para analisar o caráter da evolução, da mudança, se o que todos que estão fazendo está seguindo a mesma

linha, ou se um está fazendo uma coisa que está indo em contra-partida o que o outro está fazendo, daí a importância de estar se comunicando entre si”

3) “Participa, ela constitui parte de uma proposta de evolução, de melhora, de qualidade, dentro do ensino e ela é muito importante porque ela trabalha o aspecto não só motor como também a socialização, que também são trabalhados dentro de sala de aula, dentro das outras disciplinas dentro da instituição onde trabalho”

4) “O tempo todo, pode colaborar o tempo todo, porque se ela é parte de um todo e nós seres humanos somos divididos em partes, nós temos coisas dentro da gente que cai para uma área, coisas dentro da gente que são evoluídas, que são trabalhadas dentro de outra, então na Educação Física mais do que tudo, é trabalhado dentro do corpo humano , ela tem fundamento dentro do movimento, e o movimento é parte de um todo, de ser humano, de ser uma pessoa, ser um ser vivo é fazer esse movimento, por isso a grande importância da Educação Física. A Educação Física pode colaborar com todas as disciplinas mas está mais interligada à Pedagogia e também, se trabalhado de forma correta, em conjunto com a Fisioterapia. Se bem trabalhado, se bem colocado e feito em conjunto, pode-se ter uma linha de trabalho em uma escala feita por todas essas equipes , e não estar trabalhando uma parte avançada dentro de uma disciplina, trabalhando um campo totalmente diferente ao que você vem realizando, e nem tão regredida, trabalhar em conjunto, porque se você tem uma coisa muito além e uma outra muito aquém você entra em choque dentro daquilo que está sendo trabalhado”

5) “Já, já trabalhei com várias áreas da sociedade, já trabalhei com idosos, com treinamento esportivo, com educação em escolas comuns, já

trabalhei com clube e também academias. Eu mudei nos aspectos afetivos que com os outros grupos eram trabalhados só que de uma forma mais modesta, não tinha tanto o apelo afetivo. Também a parte de estar sendo mais lúdico, hoje nessa instituição sou muito mais lúdico, brincalhão, do que em outras instituições porque com os outros grupos isso não tinha tanta importância, ou se tinha eles não demonstravam isso, e com esse grupo que eu trabalho especificamente isso, é base do meu trabalho, é muito importante essa parte de estar sendo divertido, alegre, promovendo constantes momentos de felicidade, mesmo tendo todas dificuldades de você ser assim 100 % , mas dentro das possibilidades da área a gente tem que trabalhar essa parte, eu por exemplo, trabalho muito essa parte lúdica, recreativa com as crianças que é aonde consigo ter melhor resultado, porque elas conseguem se apegar, elas se abrem mais às propostas que eu tenho dessa maneira.

Fora dessa instituição eu não via interdisciplinaridade, eu via um trabalho multidisciplinar, havia, lógico, grupos específicos trabalhando com outras áreas, só que sem troca de informação. Havia trabalhos pedagógicos, havia trabalhos em instituição como uma academia, uma escola ou um clube, onde você tem todas as áreas atuando mas muito pouco interligadas, a base era atuar de maneiras diferentes, sem se importar com que o outro estava fazendo”

Professor de Educação Física 4

- 1) “Eu entendo como sendo uma união entre as disciplinas na qual chegará em um objetivo mais rápido”
- 2) “É de grande importância pois vai desenvolver o aluno num todo, tanto no aspecto cognitivo quanto à área disciplinar”

- 3) “Acho que sim, a Educação Física pode colaborar de tudo um pouco. A Educação Física pode colaborar em todas as disciplinas, como por exemplo, na matemática pode ser feita contagem numérica, mas pode trabalhar também ciência, geometria”
- 4) “Sim, a gente trabalha com o grupo todo”.
- 5) “Sim, e quando vim para uma instituição eu aprendi a me impor melhor. (Em relação ao trabalho em outras instituições) Não tive essa experiência, não enxergo isso lá fora, apenas acredito.”

OBSERVAÇÕES: Nessa instituição um professor realiza aulas de natação e outro é responsável pelos treinamentos desportivos

ENTIDADE N.º 2 – TAUBATÉ

Professor de Educação Física 1

- 1) “Eu acredito que seja uma ação onde a gente utiliza um tema, no caso da a gente trabalha com projetos, então esses projetos são trabalhados em todas disciplinas, na parte da Educação Física, na parte de Educação Artística e dentro da sala de aula, então esse tema trabalhado, como por exemplo, agora nós estamos trabalhando o sítio então todas as atividades que nós estamos fazendo são voltadas pra sítio, no caso vai entrar a Páscoa, todas atividades inclusive dentro da Educação Física vão ser voltadas pra Páscoa”
- 2) “Eu acredito que é de grande valia, porque a criança começa a ver todos os aspectos desse tema, ele não fica fixado só no que ele aprendeu em sala, se ele está aprendendo matemática ele pode ver que está fazendo contagem na

Educação Física também, como contagem de pontos, se ele está vendo a parte de geometria (círculo, triângulo, quadrado) nós aplicamos isso na Educação Física”

3) “Sim, agora nós estamos começando com esses projetos que têm duração de dois ou três meses, depende dos professores, quando um diz: “Olha pra mim já extinguiu, eu trabalhei o máximo possível, esta ficando chato, vamos trocar de projeto.” E também vale muito as datas comemorativas, se dá para encaixar essas datas dentro do projeto é muito interessante e a gente está tentando fazer o máximo possível”

4) “Pela experiência que estou tendo aqui e pela que já tive fora, a gente utiliza a Educação Física para tudo, Português, Matemática, Ciências, tudo o que o professor esta trabalhando ele “dá um toque”: “Olha trabalha expressão corporal porque estou trabalhando uma música. Então a Educação Física vem e trabalha o ritmo, a expressão corporal, o relaxamento dentro da música e na sala eles vão trabalhando a parte de Português, gramatical.”

5) “Já dei aula em projetos com crianças carentes, dei aula numa escolinha de educação infantil pra crianças de pré-escola e maternal com aulas de dança, já dei aula em escola estadual, em academia com ginástica localizada, de natação e eu acredito que tive mudanças de atitudes sim (ao atender a população portadora de deficiência mental), ao observar pessoas de outros lugares como na Academia onde a gente pensa que todos conseguirão realizar o que se pede a gente fica mais crítica e vê que mesmo não sendo deficiente mental ou deficiente físico a pessoa tem um certo tipo de deficiência, que tem um certo déficit nos movimentos pedidos. Com o pessoal da educação especial é tudo o mais simples para o mais complexo, quando você diz, por exemplo: “Vamos para a direita” é preciso ensinar

o que é direita e esquerda antes. Esse tipo de atitude eu levei para mim, fora da instituição. Em relação ao trabalho interdisciplinar em outras instituições que já trabalhei a única que observei foi na escolinha , sempre através de temas também, eles não usavam projetos mas usavam o tema, então se eles estavam trabalhando o sete de setembro então eles me pediam para dar musiquinhas , dar algo com dança pois eu dava aula de dança, ou então tema do folclore e era pedido para que desse capoeira , dava um jeito de mesclar e a diretora mesmo vinha e dava orientação.”

Professor de Educação Física 2

- 1) “Seria uma união, um trabalho em conjunto entre as disciplinas”
- 2) “Seria que as atividades atingissem da melhor forma os alunos , para que tivessem um melhor aproveitamento.”
- 3) “Desde quando eu trabalho lá ainda não, mas temos idéias pra isso.”
- 4) “Acredito sim, coincidentemente essa semana eu estou trabalhando caminhada com eles e junto com isso eu vou mostrando a vegetação, dentro das coisas que eu sei, vou conscientizando sobre meio ambiente, a gente encontra lixo, recolhe, coisas desse tipo, então temos condições e tem que ser feito e é muito bom.”
- 5) “Já tive experiência e o que mais mudou em mim foi a valorização das coisas foi a minha postura porque eles necessitam de uma atenção diferente. Eu via (em relação a interdisciplinaridade em instituições não especializadas), eu já trabalhei em escola particular e isso era muito usado, a interdisciplinaridade era muito atuante mesmo”

Professor de Educação Física 3

- 1) “Seria a junção de todas as disciplinas com um objetivo comum de chegar a um objetivo de melhor qualidade de vida ao aluno.”
- 2) “Seria a cooperatividade das disciplinas com o objetivo de unir uma a outra para alcançar o melhor desempenho do aluno”
- 3) “Participa através de jogos de pontos, jogos didáticos como o boliche de cores e assim se ligando com a parte pedagógica.”
- 4) “Pode colaborar com a fono, com a fisioterapia, com a parte pedagógica da escola, tudo que tem relação com o aluno. O processo pode ocorrer quando o professor trabalha com o aluno sabendo como anda com a fono, como ele anda com a psicomotricidade, com a fisioterapia para melhorar a qualidade do aluno”
- 4) “Já tive. Mudei bastante minha postura porque eu vinha de um processo de treinamento de handebol e basquete e caí numa área de deficiência mental. Então eu tive que utilizar minha aula com objetivos a longo prazo, repetindo muito, muito cada movimento. Cada coisa que você dá “o simples se torna o impossível” e pelo processo ser a longo prazo, você tem que ter mais paciência, mais controle, e sempre estar motivando os alunos. (Em relação à interdisciplinaridade em outras instituições). Nos outros lugares, outras escolas do Estado isso não acontece, melhora um pouco nas escolas municipais que se unem e acontece algum tipo de conjunto”

ENTIDADE N.º 3 – TAUBATÉ E

N.º 4 – TREMEMBÉ

Professor de Educação Física

- 1) “Todas as áreas que atuando dentro de uma entidade, trabalhando em conjunto. É ter, por exemplo, um problema dentro da minha área, que é a Educação Física, e precisar de uma fisioterapeuta, de uma fonoaudióloga, então procura-las e estar fazendo esse intercambio entre todos os outros profissionais, como também na área de psicologia, quando aparece algum distúrbio de comportamento, você possa estar trocando informações e até mesmo idéias do que pode estar melhorando no atendimento daquela criança”
- 2) “Eu acho importante pois, a clientela que temos, é uma clientela especial e se você não tiver um atendimento especial fica difícil porque um professor, como é o meu caso, não tem condições de ficar parando a aula a todo momento e fazer o trabalho da psicologia, não tenho tempo de ficar trabalhando toda hora a parte respiratória que poderia ser trabalhado com a fono, parte de contusão durante a recreação ou jogo, o professor pode estar conversando com o fisioterapeuta assim como uma ou outra patologia específica dos clientes que a fisioterapeuta pode estar orientando que tipo de exercícios você pode estar fazendo ou atividade”
- 3) Entidade n.º 3- “Ainda não pois a entidade tem uma visão diferente das escolas por ter um caráter profissionalizante, então os clientes têm atividades específicas de oficinas, hortas, viveiro, então não tem um trabalho interdisciplinar mesmo porque não tem uma equipe tão completa”

Entidade n.º 4- “Nessa instituição a gente já faz um trabalho mais em equipe pois temos uma equipe total, em todas as áreas e eu procuro estar conversando com todos, os psicólogos, os fisioterapeutas pois nessa equipe eu posso estar procurando algum e estar melhorando no atendimento dos alunos. Todo início de ano, nós realizamos uma reunião geral onde discutimos alguns casos que precisam de atendimento mais interdisciplinar, mais multidisciplinar no caso, então toda a equipe passa a montar um projeto em cima de alguns clientes, mas isso não acontece no geral, com todos os alunos.”

4) “Eu só não posso afirmar mas como pensar que todas as pessoas que falam sobre isso dizem que o esporte em si é de grande importância principalmente nas áreas com adolescentes e crianças, o desenvolvimento da criança em si a Educação Física é muito importante”

5) “Realmente muito importante principalmente porque nós podemos estar fazendo o trabalho de intercambio com as outras disciplinas , como a fisio, a fono e aí você adquire mais conhecimento para trabalhar com a criança. Nesse processo a Educação Física pode estar colaborando, por exemplo, com a atenção que o aluno não apresenta da sala de aula através de jogos, na parte respiratória dando auxilio a fonoaudióloga, enfim, mais ou menos por aí”

6) “Sim, já fiz um trabalho com crianças de periferia e pude notar uma diferença grande tanto à nível social quanto de participação, e posso dizer que trabalhar com nossas crianças especiais é bem mais fácil do que com crianças com dificuldades econômicas, de alimentação, de relacionamento em casa, crianças de periferia, é um comportamento muito diferente mas não deixa de ser uma outra deficiência.

(Em relação à mudança de postura ao atuar com portadores de deficiência mental) Eu comecei como professor na área especial e depois fui para “fora” e o que eu acho é que tem que haver uma mudança nas formas de trabalho, pois na área especial, você tem que fazer uma adaptação em tudo aquilo que você levaria para uma criança dita normal . São, talvez, as mesmas atividades que você daria a uma criança normal só de que forma diferente e com expectativas diferentes, mas não deixa de manter a mesma postura , de dar os mesmos exemplos, as colocações têm que ser as mesmas pois temos que valorizar o especial também.

(Em relação à interdisciplinaridade em outras instituições) Na outra instituição, na não especial, era feito com as disciplinas assistência social, psicologia e a educação física, e eu acredito que funcionava pois havia uma inter-relação, uma integração.

OBSERVAÇÕES: O professor entrevistado atende a instituição de Tremembé e a instituição 3 de Taubaté. É válido esclarecer que a entidade de Taubaté citada faz parte de uma clínica multidisciplinar e a Educação Física atua no centro de convivência da mesma.

ENTIDADE N.º 5- PINDAMONHANGABA

Professor de Educação Física 1

1) “Atuação interdisciplinar, pelo o que eu entendo, é quando todas as disciplinas que se aplicam dentro de uma escola, como matemática, ciências, português , atuam em conjunto para levar o aluno a compreender o sentido global da vida e não somente o sentido daquela disciplina. Atuando em conjunto é bem mais fácil porque ele consegue fazer uma relação dentro do seu ‘eu’, da sua vida, da própria experiência que ele tem de viver”

- 2) “Dentro dessa instituição a atuação interdisciplinar é importante porque desenvolve o todo, não desenvolve uma parte. Como nós sabemos que o cognitivo, a idade mental e a idade motora está atrasada em relação a idade cronológica , eu entendo que a interdisciplinaridade faz aproximar esses dois parâmetros com a idade cronológica”
- 3) “A oito meses que estou nessa instituição e eu consegui fazer uma participação sim pequena porque eu trabalho mais com o treinamento, a minha participação é mais com a parte de artes e matemática, mais a parte lógica, a contagem numérica, a visualização de cores, a forma geométrica”
- 4) “Olha a Educação Física colabora em todos os aspectos , eu acho que uma área que ela quase não colabora é o Português , no meu caso eu não consegui achar uma relação, mas em matéria de álgebra e matemática, de história , de geografia a Educação Física tem muito a ver , porque nós trabalhamos em planos, nós trabalhamos com o concreto. O processo tem que acontecer mediante a um projeto que visa um plano e que tenha uma atuação, e isso acontece durante as aulas, desde que seja planejada, pois eu não posso dar uma aula sem planejamento e cobrar sem parâmetros senão vou misturar todas as disciplinas e o aluno vai acabar não entendendo nada , então tem que ser através de um projeto que a curto prazo o aluno vai ter noção do que estou querendo mostrar”
- 5) “Já. Sim, o que mudou foi que a minha afinidade com a área de deficiência mental fez com que eu usasse toda a minha criatividade. Com a pessoa que não é portadora de alguma deficiência a gente trabalha um pouco aquele sistema mais tradicional, uma coisa mais estereotipada e a gente não utiliza tanto a criatividade como a gente precisa usar com eles e é um desafio a

cada dia, por isso que a nossa criatividade tem que estar em alta pois cada deficiente, por mais que ele seja mental, é diferente do outro, não existe deficiente mental igual. (Em relação a interdisciplinaridade em outras instituições) Nas instituições que eu atuei (escolas da rede pública e particular) fora da educação especial eu via uma atuação interdisciplinar mas era muito pouca porque começava e não terminava. Eram projetos planejados dentro de uma sala mas acabavam não acontecendo.”

Professor de Educação Física 2

- 1) “São vários profissionais trabalhando dentro de uma escola, de uma instituição com o objetivo de estar se desenvolvendo o melhor possível dentro daquela equipe e vendo que o objetivo maior é a criança”
- 2) “O trabalho fica mais direcionado, você acaba tendo apoio de outros técnicos para estar melhorando o teu trabalho”
- 3) “Nós estamos começando, por enquanto não tem nada fundamentado mas estamos tendo idéias de estar trabalhando a escolaridade junto com a Educação Física, estar desenvolvendo o projeto da Educação Física de acordo com as necessidades da escolaridade”
- 4) “Sim, tanto pode que e a gente vê que melhora. A gente vê que a criança fica mais solta, começa a ter mais noção de si mesma e assim tem maior desenvolvimento dentro da sala de aula e no seu dia-a-dia natural. Eu não vejo a Educação Física de forma separada de outras disciplinas ou ajudando uma só, eu acho que é uma corrente, se você tem um motor legal, você vai ter uma escrita boa, se você tiver um motor legal o seu desenvolvimento vai ser melhor em tudo, então eu acho que ela esta coligada e sempre puxando. Sem querer através de brincadeiras, jogos , até mesmo na sala com o professor que não é

especializado, ele pode estar fazendo isso, através de uma leitura ele pode estar dramatizando e vivenciando através dos movimentos naturais da Educação Física que não deixam de ser do homem como o andar, o rastejar, o trepar, todos os movimentos básicos podem se levados para leitura onde ele pode estar dramatizando, por exemplo.”

5) “Já, eu aprendi a ter mais paciência, aprendi a ver as pessoas de forma diferente e estar respeitando a sua individualidade. (Em relação a interdisciplinaridade em outras instituições) Nas outras instituições tudo se apresentava de forma isolada, como na academia, eles não tem ainda noção desse conjunto importante para o desenvolvimento do ser de uma forma geral, a partir de quando o mundo começar a acreditar nessa união vai melhorar um pouco, porque o conjunto faz parte, a interdisciplinaridade faz parte do dia-a-dia e o pessoal não cai na real porque o egoísmo é muito grande e trabalhar sozinho é muito mais fácil do que trabalhar em conjunto, é você ter a humildade de estar chegando em uma pessoa de outra área para estar aprofundando a sua, ou ajudando alguém., é difícil isso acontecer.”

OBSERVAÇÕES: O professor 1 atende os alunos em sessões de treinamento de modalidades esportivas e já o professor 2 atende-os em aulas de Educação Física.

ANEXO 2

(Carta de autorização para entrevista com professores, dada as diretoras de cada escola pesquisada)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS UNICAMP

Prezado (a) senhor (a)

Venho por meio deste solicitar a vossa senhoria a autorização para entrevista com o professor de Educação Física dessa instituição com o objetivo de colher dados para análise da pesquisa realizada por mim para a efetivação de minha monografia de conclusão do curso de especialização em Atividade Motora Adapta pela Universidade Estadual de Campinas.

Esclarecemos que a (as) identidade(s) dos entrevistados e da Instituição são absolutamente confidenciais, devendo ser as referidas perguntas e respostas utilizadas estritamente para fins acadêmicos.

Certa de sua compreensão e colaboração, antecipadamente agradeço.

Cíntia Campos Pierotti
Professora